

O MAL QUE NOS ASSOLA NÃO É VIRAL, É SOCIAL!¹

O mal que nos assola não é viral, é social!

Gervasio Cezar Junior²

Profa. Ms. Selma Martins Duarte³

Nos últimos meses a mídia abordou amplamente a pandemia provocada pelo vírus Influenza A (H1N1), que causou alerta e medo na população. Destacamos a relevância de informações sobre a nova gripe, no entanto, lançamos um questionamento: será que o Ministério da Saúde/Estado e a mídia informaram efetivamente a sociedade sobre este surto viral? Neste sentido, o objetivo deste mural, é refletir sobre esta cobertura massiva, propondo analisar o significado do grande enfoque sobre esta doença e os interesses de diferentes grupos por trás desta intensa difusão de informações. Também questionamos a omissão em relação aos demais problemas sociais e de saúde pública, que em muitos casos afetam um maior número de pessoas, e que não são tratados com a devida atenção.

De acordo com o relatório de 2005, da Organização Mundial da Saúde (OMS), são inúmeros os registros de pandemias na história da humanidade, e “as mais bem documentadas foram as de 1918 (H1N1, a gripe espanhola), 1957 (H2N2, a gripe asiática), e 1968 (H3N2, a gripe de Hong Kong)”. Segundo o historiador Mike Davis, a mais recente aparição, da gripe de tipo A, se deu em 1997, nominada “gripe aviária”.

A aparição da Influenza A, em 1997, se deu a partir do vírus H5N1. O surto da gripe aviária gerou um alerta nas autoridades mundiais de saúde, entre elas a OMS. A iniciativa de combate e prevenção da gripe naquele momento gerou debates sobre vacinas e medicamentos que serviriam para o controle desta gripe.

Com a Influenza A (H5N1), muitas empresas farmacêuticas criaram medicamentos para o combate à doença, dentre as empresas mais famosas estava a Roche. É neste momento que a Roche compra a patente dos direitos à fabricação do Tamiflu. A indústria farmacêutica Roche, conseguiu e consegue lucrar milhões com este misterioso remédio, chamado Tamiflu.

Doze anos depois de uma gripe de tipo A assolar o mundo, surge no México o primeiro caso

1 Mural produzido em agosto/2009. Coordenação: Gervásio César Júnior, Selma Martins Duarte. Estagiários: Alexandre Arienti Ramos, Guilherme Dotti Grando, Fagner Guglielmi Pereira, Juliana Valentini, Karen Loraine Kraulich, , Marcos da Silva de Oliveira.

2 Aluno do Programa de Mestrado em História da UNIOESTE

3 Docente da Rede Pública Estadual de Ensino.

da gripe suína (H1N1), também de tipo A. Antes mesmo do surgimento da nova gripe, algumas autoridades de controle sanitário e enfermidades alertavam para os perigos que existiam de a gripe dos porcos se transformar em gripe humana.

As denúncias feitas pelas agências de enfermidades e sanitárias se davam com base na grande quantidade de medicamentos (antibióticos, antigripais, hormônios, etc.) que são aplicados em varas inteiras de porcos, para a diminuição das mortes entre os animais. A aplicação desses medicamentos, de acordo com essas agências, geraria mutações nesses vírus.

Segundo o mesmo relatório da OMS, citado anteriormente, o risco de uma pandemia assolar a sociedade existe desde 2005, e os Estados e a sociedade deveriam estar preparados para este ímpeto. Porém, no contexto neoliberal em que os Estados Latino-americanos estão inseridos, não há um comprometimento efetivo na promoção de políticas públicas, que viabilizem para a população direitos mínimos de sobrevivência e bem estar social. A saúde pública no Brasil carece de amplos investimentos, que sabemos, não estão nos projetos político-partidários dos governantes que chegam ao poder.

A desigualdade social no país é histórica, e no sistema “democrático” em que vivemos, atendimento médico, dentário, farmacêutico e acesso a equipamentos (óculos, dentaduras, cadeiras de rodas, muletas e etc.) são moeda de troca e barganha entre políticos e eleitores corruptos. Desta forma, a sociedade perpetua um modelo de Estado que não tem compromisso com uma transformação social, que garanta seguridade mínima aos cidadãos, tais como: justiça social, educação e promoção de saúde. Neste sentido, tornou-se conveniente manter um modelo de exploração e favorecimento de uma parcela restrita sobre amplos segmentos da sociedade.

Este modelo de sociedade, voltada ao favorecimento de alguns e a exploração de outros, nos remete a pensar em que medida as políticas públicas de saúde favorecem alguns grupos específicos, como por exemplo, a indústria farmacêutica. Vale ressaltar que o Estado não gera nenhuma política de promoção à saúde ⁴ em contraposição a postura deste Estado é a de esperar que a sociedade adoeça, para depois buscar alternativas de combate às enfermidades. Seria menos oneroso para o Estado promover a saúde, afirmando “as relações entre saúde e condições de vida, [...] a elaboração de políticas públicas intersetoriais, voltadas à melhoria da qualidade de vida das populações [...] incluindo o ambiente em sentido amplo, atravessando a perspectiva local e global, além de incorporar elementos físicos, psicológicos e sociais”. (CZERESNIA, 2003, p. 39 e 40)

Neste caso nos remetemos a pensar novamente a questão da gripe H1N1, em que a empresa Roche, que tem como seu sócio majoritário Donald Rumsfeld, Secretário da Defesa do governo

⁴ Promoção de saúde define-se, tradicionalmente, de maneira bem mais ampla que prevenção, pois refere-se a medidas que “não se dirigem a uma determinada doença ou desordem, mas servem para aumentar a saúde e o bem-estar gerais”. (CZERESNIA, 2003, p. 45).

George W. Bush, mentor da guerra contra Iraque, mantém a patente do remédio Tamiflu, principal medicamento no combate a Influenza A. E com isso, tem assegurado a garantia de grande lucratividade para seu conglomerado, e tem no Estado estadunidense seu principal financiador, e difusor da necessidade de compra e consumo deste medicamento, inclusive nos demais países da América. No caso do Brasil, a responsabilidade pela compra do medicamento provém dos recursos públicos, ou seja, somos nós, a sociedade quem paga a conta da compra destes medicamentos.

Ao analisar a relação entre os Estados, as indústrias farmacêuticas e a grande mídia faz-se necessário a seguinte reflexão: por que no caso de uma pandemia “desta proporção” não se promoveu uma quebra da patente, pelo Estado, do Tamiflu, remédio que é considerado tão importante pelas autoridades da área da saúde, no combate ao vírus H1N1? Neste sentido, observa-se a omissão da OMS em relação a este problema. O que gera um questionamento: Este surto viral é tão impactante como foi veiculado pela grande mídia nos últimos meses?

Sabemos que doenças infecto-contagiosas, tais como: cólera, febre amarela, dengue, doença de chagas, malária, e a própria gripe sazonal, atingem milhares de pessoas ao ano, em muitos casos ocasionando óbito. No entanto, estes males praticamente não são mencionados pela grande mídia, e quando são tratados, não recebem o destaque merecido. Outro problema de proporção mundial é a fome, que mata milhares de pessoas por dia, o que não ocorre pela escassez de alimentos, e sim, devido à má distribuição de rendas. E estes temas tão caros à sociedade, não recebem a abordagem que lhes é devida, seja pelos Estados/sociedades, ou pela grande mídia.

Qual o motivo da grande mídia não tratar destas questões e em contrapartida dedicar tanta atenção ao “caso da gripe H1N1”? Parece que a razão encontra-se na baixa lucratividade gerada pelas populações de baixa renda, que não veiculam propagandas, não promovem concessões em benefício destas empresas. Situação análoga observamos com profissionais que tratam da saúde, que em sua maioria não se aperfeiçoam em infectologia e doenças tropicais, porque o tratamento destas doenças não é atividade lucrativa e não gera *status*.

Neste sentido, o que precisamos não é de uma indústria farmacêutica forte, e nem de uma grande quantidade de medicamentos, prescritos pelos médicos. Também não precisamos de uma grande mídia sensacionalista que visa lucro até mesmo em questões tão sérias como a saúde pública. O que necessitamos é de um Estado que não privilegie o interesse de determinados grupos, e que não relegue aos indivíduos a responsabilidade de tomarem conta de si mesmos, como entes isolados do coletivo. Carecemos de um Estado que promova a saúde e não a doença!

A Indústria farmacêutica e a Grande Mídia

Karen Loraine Kraulich⁵

Marcos da Silva de Oliveira⁶

Você já parou para pensar na quantidade de informações que recebe todos os dias a respeito dessa nova pandemia chamada Influenza A (H1N1)? Será que todas as informações passadas pelos mais diversos meios de comunicação são verdadeiras? Após receber este bombardeio de notícias você se sente realmente informado?

Da noite para o dia surgiu uma doença nova, infecto-contagiosa, que tomaria proporções epidêmicas. Os apresentadores de telejornal e jornalistas da imprensa escrita e virtual “transformaram-se” em peritos nos assuntos: “*gripe*”, contágio, saúde pública e uso de remédios. Agora podemos nos questionar o porquê da saúde pública receber atenção somente na eminência de uma pandemia de gripe como esta, sendo que existem outros problemas relacionados à saúde coletiva no Brasil?

Segundo o jornalista Mauro Santayana, em artigo publicado no Jornal do Brasil, o vírus da nova gripe já havia se propagado muito antes de tomarmos conhecimento através da mídia. Em La Glória no México, onde existe uma criação de porcos das Granjas Carroll, poderosa multinacional no ramo, já havia indícios de uma gripe estranha em dezembro do ano passado, que em março deste ano alastrou-se mais rapidamente. Reclamações foram feitas por parte dos moradores e profissionais da área de saúde e geneticistas, contudo nenhuma medida foi tomada, pois significaria grandes prejuízos à empresa.

Santayana afirma ainda que o surgimento do vírus nesta pequena vila do México deu-se principalmente pelo tratamento dos porcos vacinados preventivamente com antibióticos e antivirais que contém hormônios e geram mutações genéticas. O que os torna resistentes a agentes infecciosos e seus hospedeiros. Mas se pararmos para analisar, tais mutações não ocorrem somente em animais, nós também estamos todos os dias expostos a produtos de todos os tipos: cosméticos, alimentos modificados, agrotóxicos, remédios com as mais variadas funções, a água está cada vez mais poluída com os mais diversos tipos de materiais tóxicos, bem como o ar. O ser humano torna-se desta forma, mais vulnerável a contrair qualquer tipo de doença.

Outra questão importante é que para o Estado e as indústrias farmacêuticas torna-se conveniente remediar os males causados pelas doenças que vão crescendo a cada dia, ao invés de fazer uma promoção da saúde pública. Promoção esta, que não se restringe à informação para uma

⁵ Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

⁶ Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

doença em específico e sim para a saúde e o bem estar geral da população. Hoje se fala muito de higiene; limpeza de banheiros públicos, utilização do álcool gel, circulação de ar em locais fechados. Tudo para “prevenir” o contágio da Nova Gripe, contudo não paramos para pensar que essas medidas são necessárias em qualquer circunstância e não apenas em situações de pandemia. Promover e prevenir a saúde é mais importante e eficaz para a sociedade do que tentar remediar mais tarde situações como as que vivemos hoje, muitas vezes geradas pela falta de recursos como: saneamento básico, alimentação adequada e moradia.

Para o Estado e as indústrias farmacêuticas, o grande problema em se fazer esta promoção e prevenção da saúde pública é questão de conveniência. Ora, informar a população sobre melhoria no modo de vida resultaria ao Estado uma população ciente das mudanças que precisam ser feitas nos mais variados setores: educação, campanhas de conscientização, infra-estrutura. Ou seja, gastos maiores aos cofres públicos. As indústrias farmacêuticas também perderiam com toda essa informação, pois à medida que ouvimos falar em doença, logo pensamos em remédios, se o termo for substituído por saúde, qualidade de vida, os medicamentos não se tornam tão necessários assim.

A mídia nas suas mais variadas formas: televisão, jornal, revistas, internet, exerce um poder muito grande perante toda sociedade. E é exatamente deste poder de levar informações a qualquer lugar do mundo, que as grandes empresas farmacêuticas e o Estado se beneficiam. O fato de a imprensa divulgar a palavra *doença* de modo alarmante, como fez recentemente, gerou lucros exorbitantes as indústrias farmacêuticas, principalmente a *Roche*, empresa norte americana detentora dos direitos privados do Tamiflu, que seria, segundo a mídia, o único medicamento hoje, eficiente contra o vírus da Nova Gripe.

O surgimento deste novo vírus H1N1 é uma situação séria, e precisa ser tratada como tal, contudo, o turbilhão de notícias que a Grande Mídia expôs a nós, nos últimos meses, merece reflexão. Além do lucro das indústrias farmacêuticas, outro fator influencia muito na divulgação de como se prevenir a Nova Gripe e as formas de contágio: o vírus atinge todas as camadas da sociedade, não afeta só as classes baixas, mas também as mais abastadas, e isso faz com que o problema se torne tão divulgado. Outras doenças, as chamadas “doenças de pobre”, existem e não recebem praticamente nenhum tipo de atenção da mídia. Isso nos leva a crer que a questão da saúde pública no mundo está mais voltada aos interesses do Estado, das grandes empresas farmacêuticas, e da imprensa, do que a realmente informar e melhorar a vida das pessoas afetadas.

Pobreza: a Pandemia de uma Era

*Alexandre Arienti Ramos*⁷

*Guilherme Dotti Grando*⁸

Com a apresentação da “nova estrela” das doenças globais, a gripe suína, os holofotes não se voltam para as áreas da saúde pública que realmente importam. Do dia para a noite os apresentadores de telejornais tornam-se grandes conhecedores do assunto, passam a fazer o valioso serviço de (des)informação da população. Age-se como se a gripe fosse a única doença a afligir a humanidade, e como se a única atitude possível ao governo fosse a prevenção do contágio e o tratamento dos doentes.

Dois conceitos caros à área da saúde são o de prevenção e promoção da saúde. O conceito de prevenção parte da perspectiva de que as doenças fazem parte da existência humana, assim a atitude a ser tomada pelos órgãos de saúde é a de prevenir o contágio, diminuindo assim o número de doentes. A idéia de promoção da saúde é muito mais abrangente. Sob essa perspectiva a doença não é natural ao homem. A saúde deve ser promovida dando ao indivíduo as condições de uma existência saudável. Leia-se por isso o acesso ao lazer, condições de ter uma alimentação balanceada, boas condições de trabalho, moradia, bem como o acesso à informação que possibilite ao indivíduo tomar suas próprias decisões baseadas não numa histeria coletiva, mas em conhecimento real. É óbvio que o conceito de promoção da saúde exige transformações mais profundas na sociedade. O conceito não é interessante para os grupos dominantes, pois exige uma maior distribuição de renda, desinteressante é também para a indústria farmacêutica pois para ela o importante não é assegurar a saúde de seu “cliente”, mas assegurar que eles sobrevivam pra adoecer novamente, consumir mais remédios, conseqüentemente gerar mais lucros ao setor.

Estas mesmas companhias que vendem medicamentos caros e ganham bilhões em investimentos para o combate às “estrelas” das pandemias globais relegam a um segundo plano uma ampla gama de doenças cujo tratamento, quem sabe, não seja tão lucrativo mas que sem dúvida cobram um alto preço em vidas humanas todos os anos. Segundo o Ministério da Saúde, em matéria do jornal O Globo:

“...As doenças da pobreza e o abandono matam 226 brasileiros por dia. São pelo menos 82,5 mil mortes por ano causadas por males como diarreia, desnutrição, malária, tuberculose, dengue, febre amarela e falta de

7 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

8 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

assistência médica....”⁹

Vivemos em um país em que somente no ano de 2005 (últimos dados disponíveis), morreram 10.599 pessoas de diarreia. Bilhões foram gastos no combate à gripe suína, em detrimento do tratamento de doenças que afligem as parcelas mais pobres da população. Qual a diferença? As chamadas doenças dos pobres atingem em especial os mais necessitados, enquanto que a gripe suína atinge a todas as classes sociais. Fica claro que a doença que atinge também os ricos é o foco principal das atenções. Além disso, por ser um tratamento mais caro que o da diarreia, por exemplo, é financeiramente mais interessante à indústria farmacêutica promover uma comoção nacional em torno do tratamento e dos investimentos no combate à gripe A.

Não estamos aqui desmerecendo a gravidade da gripe suína ou a necessidade de medidas governamentais de combate à pandemia. O que afirmamos é a necessidade urgente de uma política de promoção de saúde. Se todos tiverem qualidade de vida, se a riqueza for melhor dividida dando a todos condições dignas de existência, teremos conseqüentemente um sistema imunológico mais resistente. Estaremos combatendo não só a gripe suína, mas também a principal doença que aflige o mundo e que podemos resumir na palavra pobreza.

⁹ http://oglobo.globo.com/pais/mat/2008/02/09/doencas_da_pobreza_matam_226_pessoas_por_dia_no_brasil-425554611.asp. Acessado em 10 de setembro de 2009.

Do sensacionalismo à precariedade da saúde pública: o tema da gripe A (H1N1) no Paraná

Juliana Valentini¹⁰

Fagner Guglielmi Pereira¹¹

Junto com a pandemia da gripe chegou uma onda sensacionalista que exerce uma influência determinante sobre a informação, que podemos definir como mimetismo¹² ou seja, trata-se de uma situação em que é dada tamanha atenção a um assunto que quanto mais os meios de comunicação falam, mais a mídia acredita que esse assunto é o único indispensável, o tratando muitas vezes de maneira sensacionalista. Dessa forma não transmite para a população as informações que são imprescindíveis e acabam por dar um enfoque “isolado” para nova gripe, assim como outros problemas de saúde coletiva que deveriam ser tratados com mais cuidado pela mídia e que muitas vezes sequer são citados mesmo em ocasiões em que a saúde é alvo de preocupações.

Esse excesso de informações dá a impressão de estarmos sendo bem informados, enquanto ao que temos acesso são versões atribuídas e reproduzidas pela maioria dos meios de comunicações que correspondem a seus interesses. É importante que a mídia trate da pandemia gerada pelo vírus Influenza A, porém com seriedade e contextualizando a situação para a população, tratando-a de forma séria. Porém não foi o que aconteceu recentemente com os casos da nova Gripe em que o sensacionalismo tomou conta dos meios de comunicação.

A questão a ser pensada é em que medida toda a divulgação a respeito da nova gripe se trata de prevenção. Entendendo-a como um projeto informativo de conhecimento do que realmente é a doença e as formas de preveni-la. Ou não passa de mais uma campanha de o sensacionalismo desenfreado a respeito do tema, gerando um quadro de pânico na sociedade. Além de tratar da pandemia de modo ‘isolado’ não trazendo o quadro de outras doenças que afetam a sociedade como a malária, diarreia, Sarampo, pneumonia, que matam milhões de pessoas, cerca de 3,5 milhões de crianças morrem todos os anos por causa de uma alimentação precária¹³ devido às condições de miséria que afetam uma grande parcela da população. Essas doenças que sempre estiveram e ainda

10 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

11 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

12 “O mimetismo é aquela febre que se apodera repentinamente da mídia (confundindo todos os suportes), impelindo-a na mais absoluta urgência, a precipitar-se para cobrir um acontecimento (seja qual for) sob pretexto de que os outros meios de comunicação – e principalmente a mídia de referência – lhe atribuam uma grande importância. Esta imitação delirante, levada ao extremo, provoca um efeito bola-de-neve e funciona como uma espécie de auto-intoxicação: quanto mais os meios de comunicação falam de um assunto, mais se persuadem, coletivamente, de que este assunto é indispensável, central, capital, e que é preciso dar-lhe ainda mais cobertura. Foi o que aconteceu por exemplo no caso da Nova Gripe, ou morte de *Michael Jackson*.” Esse conceito é definido por Ignácio Ramonet em seu livro *A tirania da Comunicação* Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1999.

13 http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/01/080117_desnutricao_lancet.shtml Acesso em 20.09.09.

estão presentes todos os anos na sociedade fazendo milhões de vítimas não são tratadas com tamanha atenção pela grande imprensa.

O Ministério da Saúde do Estado do Paraná divulgou no decorrer dos meses de maio a agosto as ações do Estado, garantindo que está preparado para o atendimento da população. De acordo com as informações oficiais *O Paraná conta com quatro hospitais de referência (...) dessa forma não há motivo para pânico*. Esses dados mostram que a gripe A (H1N1) está sob controle e não oferece perigo para a sociedade. As atitudes da secretaria de saúde de alguns municípios como Cascavel, Foz do Iguaçu, Paranavaí, no início do mês de agosto, ao montaram estruturas precárias para o atendimento, deixaram as pessoas com casos suspeitos da Gripe A (H1N1) em filas, na rua, esperando em locais desapropriados para serem atendidas, visando diminuir a fila nos postos de saúde, essas atitudes colocam em dúvida a real capacidade do Estado em lidar com uma pandemia.

As atitudes desses municípios mostram a precariedade do funcionamento na rede pública, permeada por inúmeros problemas como a falta de equipamentos para diagnóstico, aparelhos de pressão, de Raio-X, auditivos, de ultra-som, profissionais qualificados, espaço físico adequado, ausência de ambulâncias, leitos, além das péssimas condições de trabalho para os funcionários.

O direito à saúde pública significa a garantia, por parte do Estado, de condições dignas de vida e acesso livre e igualitário à saúde, para todos os habitantes do território nacional. Diante de um caso de pandemia será que o serviço público de Saúde está mesmo preparado?

Enquanto esperamos melhoramentos do Estado, no que diz respeito a melhores condições no sistema público de saúde, a grande mídia dá preferência à impactante notícia de uma nova doença. Mas afinal de contas, o que mata mais é a Influenza A ou o sistema público de saúde?

A verdade é que a mídia local, influenciada pela grande mídia nacional, faz estimativas e contabilidade de pessoas infectadas pelo vírus (H1N1) e esquece de problematizar políticas realmente eficazes que incentivem a promoção do sistema público de saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRÃO, Jane Felipe. Memórias da cólera no Pará (1855 e 1991): tragédias se repetem? *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.145-167, dez. 2007.
- CZERESNIA, Dina. *O conceito de Saúde e a Diferença entre Promoção e Prevenção*. Cadernos de Saúde Pública, 1999.
- DAVIS, Mike. *A gripe suína e o monstruoso poder da grande indústria pecuária*. IN: www.rebellion.org postado em 30 de abril de 2009.
- http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/01/080117_desnutricaolancet.shtml
Acesso em 20.09.09
- <http://www.paranavai.pr.gov.br/modules/news/article.php?storyid=3279>
- <http://www.saude.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=891>
- LÖWY, I.: 'Representação e intervenção em saúde pública: vírus, mosquitos e especialistas da Fundação Rockefeller no Brasil'. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, V(3): 647-77, nov. 1998-fev. 1999.
- MARQUES, M. B.: 'Patentes farmacêuticas e acessibilidade aos medicamentos no Brasil'. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VII(1): 7-21, mar.-jun. 2000.
- MARQUES, M. C. da C.: 'Saúde e poder: a emergência política da Aids/HIV no Brasil'. *História, Ciências, Saúde . Manguinhos*, vol. 9 (suplemento): 41-65, 2002.
- OPERAÇÃO PANDEMIA. <http://www.youtube.com/watch?v=CcgCBiyGljM> acessado em 15 de setembro de 2009.
- RAMONET, Ignácio. *A tirania da Comunicação*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1999.
- RIBEIRO, M. A. R.: 'Saúde pública e as empresas químico-farmacêuticas'. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. VII(3): 607-626, nov. 2000-fev. 2001
- SANTAYANA, Mauro. *A gripe dos porcos e a mentira dos homens*. Jornal do Brasil.
- SOUZA, C. M. C. de: A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, v. 12, n. 1, p. 71-99, jan.-abr. 2005.
- SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p.945-972.